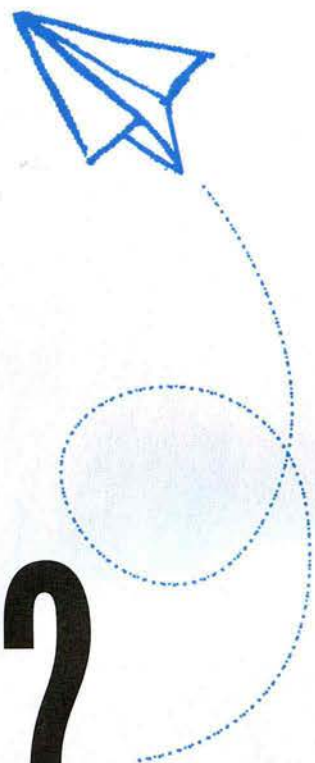


PORQUE NÃO ACABAMOS DE VEZ COM OS TPC?



A PERGUNTA GANHOU NOVA FORÇA DESDE QUE ESTUDOS RECENTES CONCLUÍRAM O QUE MUITOS PAIS SENTEM: DE FORMA REPETITIVA E DIÁRIA, ERGUEM UMA BARREIRA ENTRE A CASA E A ESCOLA E NÃO PROMOVEM O GOSTO PELA APRENDIZAGEM

 TERESA CAMPOS



JOSÉ CARLOS CARVALHO

Pioneiros

A Escola Básica 1º ciclo Quinta dos Lombos, do Agrupamento de Escolas de Carcavelos, acabou este ano com os trabalhos de casa como os conhecemos. "Não trazia benefícios", sustenta o diretor, Adelino Calado. Em vez disso, os alunos têm um caderno de trabalho autónomo: como são eles que escolhem o que fazem, isso também os responsabiliza pela aprendizagem

nuámos a marcar TPC, em outras não. O objetivo era averiguar, dentro do agrupamento, se havia diferenças entre umas e outras. Verificámos que não." Além disso, assim não existem mal-entendidos: "Sobretudo no 1º ciclo estão muito associados a castigos. Levam cópias ou contas para fazer porque não se portaram bem, porque não estiveram com atenção..."

Ao retirar a carga negativa, foi possível, continua Adelino Calado, passar a promover outro tipo de trabalho em casa, esse sim considerado fundamental para a consolidação de conhecimentos. Desde setembro que os meninos são convidados a descobrir o mundo à sua volta e a forma como se relaciona com o que aprendem na aula. "Em vez de irem fazer contas de somar, podem ficar encarregues de contar os legumes que são usados para fazer sopa", exemplifica.

"Além disso, promovemos também aquilo que chamamos de trabalho autónomo." Ao entrarmos na sala de 4º ano da professora Carla Carvalho, na EBI da Quinta dos Lombos, que pertence ao mesmo agrupamento de Carcavelos, compreendemos logo de que fala o diretor: os alunos estão todos de caderno aberto, a mostrar à professora aquilo que fizeram fora da escola. Ao seu gosto, ao seu ritmo, consoante aquilo que achavam que tinham mais dificuldade e precisavam de treinar.



JOSÉ CARLOS CARVALHO



JOSÉ CARLOS CARVALHO

Ou simplesmente porque lhes apeteceu. À vista, nesse caderno do Tempo de Estudo Autónomo, há desenhos, contas, textos livres, poemas, colagens... “São eles que decidem o que querem fazer. Assim sabemos que incentivamos a autonomia e a responsabilidade.”

REPETITIVOS E INÚTEIS

É, ainda, uma espécie de exceção que confirma a regra – mas nem por isso os especialistas em crianças e educação se conformam com o estado das coisas. Há anos que ouvimos o psicólogo Eduardo Sá falar da falta que faz um sindicato das crianças – e uma das primeiras iniciativas era exatamente a greve aos TPC, por considerar que os mais novos já trabalham de mais, nas horas que passam na escola. Maria José Araújo, investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Universidade do Porto, diz mesmo, na sua tese sobre o assunto, que além de excessivos, são repetitivos e inúteis. “As crianças aprendem muito mais quando estão a brincar”, defende.

Mário Cordeiro, um dos mais prestigiados pediatras portugueses, está do mesmo lado. Trabalhos de casa diários, nem pensar: “Queixamo-nos que a família se reúne pouco e depois vemos o trabalho e a escola a invadirem a intimidade e a privacidade das crianças.” Daí que a sua recomendação seja simples: se não está a ser fácil gerir a carga diária de TPC, pura e sim-

Da teoria à prática

Na casa de Nélia Pereira, dar apoio aos trabalhos de casa dos três filhos pode significar passar a ferro, enquanto faz perguntas ao mais velho, Ricardo, e dita palavras para o ditado à do meio, Mafalda. Outro caso curioso ocorreu nas férias da Páscoa: o mais novo, Tiago, ainda no 1º ano, tinha três livros para ler. “Ainda andamos à volta deles...”



plesmente assumam-se como pais e encarregados de educação e escrevam na caderneta que a Maria ou o Manel não fizeram os TPC porque eles, pais, consideraram que os filhos não estavam em condições. “Valerá a pena, pela noite dentro, as crianças estarem a ser torturadas, com os pais aos gritos e acabarem por ser eles, pais, a fazerem os trabalhos, criando-se um clima familiar horrível, desgastante para todos, antes da hora de dormir, para ainda por cima ser duvidoso que os professores os vejam...?” E para sossegar os pais mais cumpridores, insiste: “Desengane-se quem pensa que os seus ‘cavalinhos de corrida’ chegarão à meta mais depressa à custa de TPC... Pelo contrário!”

O mais recente estudo da OCDE não só comprova isto como acrescenta mais um dado: os TPC acentuam a desigualdade social. O que se verifica é que alunos provenientes de meios menos favorecidos não têm, muitas vezes, condições adequadas em casa para um estudo calmo e tranquilo nem recebem grande apoio dos pais nessa tarefa.

Além disso, os números podem ser enganadores: “Ficámos ainda a saber que os nossos alunos mais velhos têm, em média, menos uma hora de TPC diários do que os seus colegas da OCDE, mas os mais novos não”, revela José Morgado, professor de Psicologia da Educação no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, a sublinhar que

não há qualquer associação estatística entre resultados escolares e trabalhos de casa.

“Quem defende os TPC é uma população que foi escolarizada dessa forma e associa uma coisa à outra. Pensam que por ir ao médico, este tem de lhe receitar análises”, acrescenta. “Depois espantam-se que os jovens gostem cada vez menos da escola”, prossegue, aludindo às conclusões nesse sentido de um estudo recente da Organização Mundial de Saúde sobre a adolescência. Para José Morgado, falta aos pais portugueses serem um pouco mais franceses. Em 2012, estes promoveram duas semanas de boicote aos trabalhos de casa dos filhos, tal era a dimensão dos mesmos. “E veja-se a Finlândia...”, acrescenta, lembrando o país-modelo em Educação, que há muito abandonou os TPC como prática educativa.

PARA LÁ DOS LIMITES

Há mais quem comece a questionar se o modelo atual faz sentido. Oiça-se Jorge Ascensão, da Confederação das Associações de Pais: “Os professores devem avaliar o que faz sentido e se os trabalhos devem ser iguais para todos os alunos. Se calhar, uns deviam ser para sistematizar a aprendizagem e outros para saber aplicar o que aprenderam.”

Segundo o representante dos encarregados de educação, os professores devem pensar no



“Valerá a pena as crianças serem torturadas, com os pais aos gritos, e acabarem por ser eles a fazer os trabalhos?”

Mário Cordeiro,
pediatra

que pretendem quando marcam TPC: “O pior é quando servem de castigo, quando se diz às crianças ‘portaste-te mal, agora tens estas contas ou cópias para fazer’...” O melhor mesmo, acaba por assumir, era que o trabalho fosse todo feito na escola. “A verdade é que isso não acontece porque algo vai mal.”

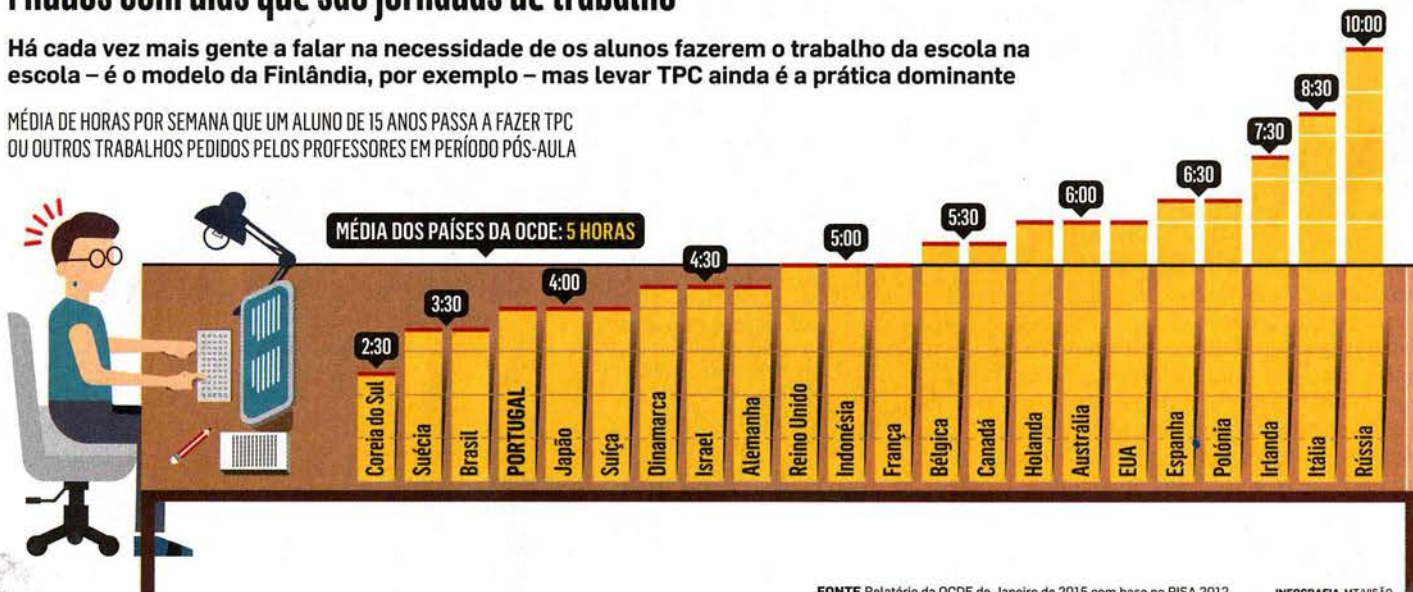
Essa é também a opinião de Rui Maia, 39 anos, engenheiro informático e presidente da Associação de Pais da Escola Básica de 1º Ciclo Leão de Arroios, em Lisboa, há dois anos. Pai de Lua, menina de 9 anos, aluna do 4º ano, há tempo que se insurge contra a prática como a conhecemos: “Na maior parte dos casos, são uma extensão do que fazem da escola e acabam por se tornar uma barreira. Tanto para os alunos como para os pais. Se seria possível encontrar outro modelo, penso que sim. Claro que era preciso pensarmos que escola queremos para os nossos filhos...”

Com horários muito complicados, aquilo que os pais menos querem quando chegam a casa, insiste Rui Maia, é que os filhos tenham deveres da escola. “Primeiro, porque muitas vezes são eles que os vão fazer. Segundo, porque vão chatear-se com os filhos, porque estes também estão cansados e não querem estudar mais. O que acontece? Entre tomar banho, fazer trabalhos, jantar, estar com a família e deitar cedo... alguma coisa fica pelo caminho.”

Miúdos com dias que são jornadas de trabalho

Há cada vez mais gente a falar na necessidade de os alunos fazerem o trabalho da escola na escola – é o modelo da Finlândia, por exemplo – mas levar TPC ainda é a prática dominante

MÉDIA DE HORAS POR SEMANA QUE UM ALUNO DE 15 ANOS PASSA A FAZER TPC OU OUTROS TRABALHOS PEDIDOS PELOS PROFESSORES EM PERÍODO PÓS-AULA



FONTE Relatório da OCDE de Janeiro de 2015 com base no PISA 2012

INFOGRAFIA MT/VIÇÃO

E se há pais que os defendem é porque os usam como forma de saberem o que os filhos fazem e de fiscalizar o trabalho da escola, insiste. "Mas então isso", vaticina, "também quer dizer que os pais estão arredados da vida escolar".

CIMENTAR APRENDIZAGENS

David Justino, professor universitário e ex-ministro da Educação, diz que falta algum bom senso nesta discussão. "É claro que quando se fazem as coisas bem feitas na escola, em casa já não devia ser preciso, era o ideal." O problema, acrescenta logo depois, é que "os ideais não existem". O melhor, sustenta, é desdramatizar a questão: "Porque o treino também é importante."

Filinto Lima, diretor do Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos, de Vila Nova de Gaia, e presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas, assume que o tema é amiúde discutido em sede de conselho pedagógico na escola – mas não há recomendações a nível de todo o País, tal como também não existem por parte do Ministério da Educação, que confere total liberdade aos professores nesta matéria.

"O importante é que haja uma boa coordenação dos professores de cada turma para não haver exageros", considera Filinto Lima. E passa a explicar: "Acredito que ajudam a cimentar as aprendizagens, sobretudo entre os mais novos que têm menos autonomia e que precisam de ser orientados. É uma forma de os responsabilizar", acrescenta, apesar de também saber que nem sempre são feitos por eles: "Quando são os pais que os fazem, ou os explicadores, então temos um problema."

É essa crença que também move Celina Gonçalves, 36 anos, professora do 1º ano do Externato Menino Jesus, em Coimbra, que está no topo do ranking. "Temos por hábito mandar trabalhos de casa", assume, reconhecendo que quase todos os pais concordam com a prática, até porque a escola tem sala de estudo e os meninos fazem-nos antes de ir para casa. "Ou então enquanto os pais preparam o jantar", continua, considerando que neste momento podem fazê-los sem perturbar a vida das famílias. "É uma maneira de lhes pedir para refletirem sobre o que aprenderam e encontrarem forma de resolver. E, quando o conseguem, vêm [para a escola] muito mais confiantes", defende também Celina Gonçalves.

Claro que quando se tem três filhos em idade escolar, e com idades muito diferentes, a teoria não é tão fácil como a prática. "Uma vez, estava a passar a ferro, a ditar um texto para uma e a fazer perguntas de História a outro...", conta Nélia Pereira, 43 anos, e mãe do Ricardo, 14, aluno do 9º ano, e também de Mafalda, 12, do 7º, e de Tiago, 7, do 1º ano. Como vivem no Laranjeiro, na Margem Sul, tanto para ela como para o pai das crianças, Luís Rodrigues, 46 anos e analista de sistemas, a logística de apoio aos filhos obriga



A voz do manifesto

Rita Alves, professora e elemento da direção na Escola Superior de Educação Jean Piaget, em Almada, assume que o tema lhe é caro: "Há vinte anos que ensino professores a proporem outras atividades em casa que não os clássicos TPC e eis que a minha filha chegou ao 1º ano e passou a ser massacrada diariamente com exercícios iguais aos que faz na sala de aula." Desse momento ao ato de escrever um *Manifesto Anti-Trabalhos Para Casa* foi um passo. "Os pais acham que é bom por defeito da sua formação e fazem dos TPC um elo à escola. Mas há tantas coisas que as crianças podiam fazer em casa e que ajudam a construir conhecimento, curiosidade e vontade de aprender." E dá exemplos: "Os meninos do 1º ciclo podem ler as placas das ruas a caminho de casa, fazer recortes dos panfletos de publicidade à procura de elementos relacionados com o que estão a aprender, podem contar as batatas a colocar na sopa, os frascos que existem na banheira ou os ovos que estão no frigorífico..." Divertidas, as sugestões de Rita Alves não têm fim: "Podem fotografar a fauna e a flora, construir herbários, registar onde nasce e se põe o Sol..."

a que cheguem a casa e confirmem com eles o que ainda há a fazer. "Sei que o Ricardo, o mais velho, concentra-se durante uns 40 minutos, mais do que isso já não exijo. A Mafalda precisa primeiro de brincar um bocadinho e só depois é que tem cabeça para voltar a olhar para os livros. Já o Tiago, bom... está no primeiro ano e só nas férias da Páscoa trouxe três livros para ler. Claro que ainda andamos de volta deles..." Depois, como os pais também trabalham os dois em Lisboa, às 7h45 já os filhos estão no Colégio Campo das Flores, que é ali perto. E muitas vezes só regressam a casa pelas 18h30. "A essa hora já não obrigo ninguém a fazer TPC. Tem de haver limites entre a escola e a vida deles."

ESCOLA: MENOS É MAIS

"Os pais zangam-se porque há muitos trabalhos mas também há os que se zangam quando não há, porque assim mantêm-nos ocupados", aponta António Ponces de Carvalho, presidente da Associação de Jardins-Escola João de Deus. "Os miúdos hoje não sabem estar sem fazer nada, não sabem inventar as suas brincadeiras", lamenta, considerando que a pergunta sobre os TPC não deve ser "Sim ou Não?". "Temos sempre de ver quanto tempo as crianças estão na escola", diz, alertando que também é preciso dar-lhes espaço para aprenderem a gerir o ócio. "Se saem tarde, é criminoso!" Assim, ali já se determinou que só há TPC a partir do 3º ano, mas nunca para repetir o que se fez na aula. "Podemos pedir para trazerem receitas, se forem fazer um trabalho sobre alimentação."

É mais um exemplo a ir ao encontro da lógica de que as crianças precisam é de melhor escola e não de mais escola. "A aprendizagem melhor é a que vem do interesse profundo da criança, mas para isso é preciso pensar e para pensar é preciso ter tempo", defende Cristina Martins Halpern, médica neuropediatra, no Centro de Desenvolvimento da Criança Torrado da Silva, do Hospital Garcia de Orta. "O que está a acontecer é que este trabalho de memorizar tira-lhes tempo para pensar, para brincar. As crianças têm de ter tempo até para ficarem tristes, como dizia João dos Santos (psicopedagogo). E agora já todos sabemos que a tristeza é muito importante: vimos em *Divertidamente* (filme da Disney, no original, *Inside Out*) que é a Tristeza que resolve a trama."

A médica deixa então a questão no ar, provocadora: "Para quê insistirmos nesta excessiva cultura da nota, tão arredada da ciência do desenvolvimento infantil? O que fica semeado nos primeiros anos de escolaridade é o que se reflete mais tarde: o menino que aprende a gostar da escola desde cedo vai ter sempre melhores resultados. Os TPC como os conhecemos servem apenas para treinar a memória. O que devemos questionar é se é mesmo esse tipo de conhecimento que queremos para as nossas crianças." ■

tcamp@visao.impressa.pt